



UNESP – Bauru

*Educação*



Educação e transformação  
humana: praxis e  
transformação social

**VI CBE - CONGRESSO  
BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO  
26 a 29/07 de 2017**

**Anais do VI Congresso Brasileiro de  
Educação: v. 4 educação e formação humana:  
práxis e transformação social: Pesquisas  
Concluídas**

Bauru, 26 a 29 de Julho de 2017

Departamento de Educação  
Programa de Pós-graduação em Docência na Educação Básica



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

## **Organizadores**

Luciene Ferreira Da Silva

Silvia Regina Quijadas Zuliani

Ana Paula Maturana

## **ANAIS DO VI CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, v. 4 Educação e formação humana: práxis e transformação social Pesquisas Concluídas**

Faculdade de Ciências – Campus de Bauru  
Bauru, 2017



C759e

Congresso Brasileiro de Educação (6. : 2017 : Bauru, SP)  
Educação e Formação Humana [recurso eletrônico] : práxis  
e transformação social : Pesquisas Concluídas / Congresso  
Brasileiro de Educação, Bauru, 26 a 29 de Julho de 2017 ;  
organizadores: Luciene Ferreira da Silva, Sílvia Regina  
Quijadas Zuliani, Ana Paula Maturana - Bauru :

UNESP/FC/Departamento de Educação, 2017

v. 4

Disponível em: <http://www.cbe-unesp.com.br/2017/>

ISBN 978-85-5444-002-2

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3.  
Professores-Formação. 4. Aprendizagem. I. Silva, Luciene.  
II. Zuliani, Sílvia Regina Quijadas. III. Maturana, Ana  
Paula. IV. Título.

## Sumário

<b>Eixo 01 – Políticas e Práticas na Educação Infantil</b>	<b>5</b>
<b>Eixo 02 – Políticas e Práticas no Ensino Fundamental</b>	<b>288</b>
<b>Eixo 03 – Políticas e Práticas no Ensino Médio</b>	<b>717</b>
<b>Eixo 04 – Políticas e Práticas na Educação de Jovens e Adultos</b>	<b>946</b>
<b>Eixo 05 – Políticas e Práticas no Ensino Superior</b>	<b>1065</b>
<b>Eixo 06 – Políticas e Práticas na Educação Especial</b>	<b>1254</b>
<b>Eixo 07 – Políticas e Práticas de TDIC Educação</b>	<b>1743</b>
<b>Eixo 08 – Educação, Desenvolvimento e Aprendizagem</b>	<b>1912</b>
<b>Eixo 09 – Educação, Interculturalidade e Movimentos Sociais</b>	<b>2373</b>
<b>Eixo 10 – Formação Docente Inicial e Continuada</b>	<b>2536</b>
<b>Eixo 11 – Profissão Docente e Compromisso Sociopolítico</b>	<b>3107</b>
<b>Índice Remissivo</b>	<b>3196</b>
<b>Pareceristas</b>	<b>3208</b>

## **PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS SOBRE JOGOS EDUCATIVOS PARA O APRENDIZADO DA LEITURA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN EM ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MACAPÁ/AP**

Brenda Bararuá Pinheiro- Universidade Estadual do Amapá  
Deiziane da Silva Aguiar- Universidade Estadual do Amapá  
Maria do Carmo Lobato da Silva- Universidade Federal do Amapá  
E-mail: [brendapinheiro20@outlook.com](mailto:brendapinheiro20@outlook.com)

### **INTRODUÇÃO**

Para colaborar com práticas inclusivas, esta pesquisa procurou responder a seguinte indagação qual a percepção das professoras sobre as contribuições dos jogos educativos para o aprendizado da leitura de crianças com síndrome Down nas Escolas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em Macapá? A partir dessa indagação identificou e analisou a percepção de duas professoras sobre o uso de jogos educativos para possibilitar o acesso à leitura junto a crianças com síndrome de Down em duas escolas do ensino regular no município de Macapá/AP.

Diante da necessidade de inclusão escolar, autores como Pimentel (2012) e Voivodic (2011), têm buscado um estudo mais aprofundado a respeito da inserção dos alunos com necessidades específicas no âmbito escolar. Para Carneiro (2011) as escolas necessitam urgentemente de adequação em suas bases estruturais e pedagógicas para atender diversidade de grupos e sujeitos da sociedade, pois é interessante que as instituições de ensino criem condições para atender a diversidade, dentre os alunos em condição de deficiência.

No que diz respeito às crianças com síndrome de Down (SD), o preconceito e a ausência de condições que materializem sua participação e apropriação de conhecimentos não é diferente dos demais alunos com necessidades específicas.

As crianças com SD apresentam características físicas semelhantes, por exemplo, a aparência arredondada da cabeça, pálpebras estreitas e levemente oblíquas, boca pequena podendo-se projetar um pouco a língua, única prega palmar, pescoço curto, mãos e pés pequenos e grossos, que podem ser percebidas desde o seu nascimento, porém no desenvolvimento e comportamento não serão

iguais, isso dependerá da interação social que o meio social e cultural estabelece com a criança, e desta com o meio. (PIMENTEL, 2012). Referindo-se ao desenvolvimento motor, as crianças com SD apresentam um ritmo diferente no desenvolvimento, se comparado às crianças comuns, pois o ato de sentar, ficar em pé e andar só será alcançado em uma idade posterior as das demais crianças, por exigir o tempo maior e um estímulo mais específico e intenso durante seu desenvolvimento.

Outra particularidade das crianças com SD é a dificuldade no desenvolvimento da linguagem, fator que influencia no seu desenvolvimento social e na relação com os outros sujeitos. Quando a linguagem é estimulada mais precocemente possível às crianças com SD conseguirão um nível de desenvolvimento mais ampliado. (PIMENTEL, 2012).

Para Bissoto (2005) uma das estratégias pedagógicas para trabalhar com essas crianças em sala de aula é por meio da estimulação da percepção visual, utilizando jogos educativos que estimulem o avanço na leitura, pois estes fazem com que os indivíduos obtenham um maior aprendizado por meio do suporte visual e linguístico para apoiar a memória auditiva e estimular a linguagem. Como enfatiza Cunningham (2008) as crianças com SD têm boa competência de distinguir visualmente as palavras, porém, apresentam dificuldades nos processos de memória e na concepção da leitura.

Nesse sentido, os jogos educativos podem ser um dos mecanismos que também apresentam a possibilidade de ser utilizado para facilitar o acesso ao conhecimento, particularmente o acesso à leitura pelos alunos com SD. Deste modo, é importante que o docente conheça e compreenda as especificidades de cada aluno com SD, para assim poder trabalhar de uma forma mais adequada e que venha a trazer um maior aprendizado.

Segundo Voivodic (2011) o trabalho com procedimentos cognitivos, tais como percepção, atenção e memória são importantes para favorecer o processo de ensino-aprendizagem do aluno com SD. Contudo, os conteúdos aplicados na escola podem ser os mesmos utilizados com outras crianças, porém é necessário o uso de recursos metodológicos e estratégias de ensino que promovam a aprendizagem, pois a forma como a informação é transmitida deve ser diferenciada e, caso necessite seja adaptada a necessidade específica da criança com SD. Para Zapparoli (2012) as atividades lúdicas têm grandes vantagens para as tarefas com

as crianças com deficiência, pois estas vivenciam muitas situações de fracasso no seu cotidiano, e o uso da ludicidade pode colaborar para aliviar as pressões em relação aos seus resultados, em que o professor poderá sugerir atividades que despertem suas habilidades.

Barby (2009) descreve que a utilização dos materiais diferenciados, metodologias inovadoras e currículos adequados e adaptados, possibilitam benefícios para que a aprendizagem da leitura seja mais atrativa e atenda as necessidades das crianças com SD. Dessa forma, esses irão auxiliar para que se obtenha um domínio maior dos conteúdos e das práticas a serem trabalhadas com as crianças com SD.

Para Ramos (2003) a mediação da aprendizagem por atividades educativas que envolvam jogos possibilitam aos alunos um melhor entendimento das atividades propostas, despertando o interesse, desenvolvimento cognitivo e proporcionando a interação entre professor/ aluno e aluno/ aluno. Portanto, o uso de jogos educativos é essencial para o desenvolvimento e aprendizado de todas as crianças.

## **METODOLOGIA**

Pesquisa de caráter qualitativo, com foco na pesquisa participante. Para Severino (2007) a pesquisa participante com caráter qualitativo não procura representações numéricas ou medições de análises de dados estatísticos como o quantitativo, mas abrange a aquisição de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pela relação direta do pesquisador com a situação estudada. Deste modo, a pesquisa participante tem sempre o objetivo de conhecer e formar o sujeito para motivar e transformar a vida própria e social, não resolvendo somente problemas restritos a determinadas instituições. (BRANDÃO; BORGES, 2007).

Os dados foram obtidos em duas Escolas da Educação Básica do Município de Macapá/AP, com alunos com síndrome de Down matriculados e frequentando as classes regulares, nas turmas de 3º e 5º ano. Contou-se com a participação de duas professoras do ensino regular, sendo elas: Ana que tem 42 anos de idade, não tem experiência em atuar com alunos com SD e tem formação em Pedagogia e atua no 3º ano do Ensino Fundamental, Maria tem 33 anos de idade sua formação foi no magistério (nível médio), não tem formação em nível superior e ela possuía experiência com crianças com SD, atuando no 5º ano, além de duas crianças com

SD e duas pesquisadoras iniciantes. Foram utilizados como instrumentos para obtenção de informações empíricas um roteiro de observação participante e uma entrevista semiestruturada. A técnica empregada foi análise de conteúdo, que envolveu criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações, buscando o significado das mensagens, ou seja, a fala das professoras não são isoladas de um contexto social e estão inter-relacionadas a fatores políticos, econômicos, culturais etc.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Metodologias utilizadas pelas professoras durante as aulas de leitura.**

Ao contextualizar o ensino foi percebido que a professora Ana utilizava textos com nível *pré-silábicos* para estimular a leitura individual da turma do 3º ano. Nesta atividade, em particular, Ana fez uso de uma pista visual para o aluno João identificar o significado do desenho e a inicial do nome deste desenho. Durante toda aula Ana fazia uso somente dessa atividade para João, enquanto os demais alunos realizavam outra atividade que envolvia a leitura de diferentes palavras na lousa.

Já no contexto observado da sala da professora Maria foi completamente diferente de Ana, pois Maria realizava atividades envolvendo jogos educativos que relacionavam figuras, números e cores, adaptava os conteúdos para serem utilizados com o aluno Pedro e explicava individualmente durante as aulas, assim estimulava a memória e o desenvolvimento cognitivo de Pedro. A professora Maria utilizava em média duas atividades durante o dia, exceto quando o aluno Pedro tinha atendimento educacional especializado (AEE).

As atividades de alfabetização desenvolvidas pela professora Maria eram sempre diversificadas e adequadas ao conteúdo da turma. No dia que os alunos estudavam Língua Portuguesa, Maria propunha a Pedro uma atividade de colagem de vogais no caderno, auxiliando-o no desenvolvimento da atividade, por exemplo, a professora espalhava as vogais na mesa e pedia para Pedro identificar e pegar todas as letras que eram semelhantes a que ela tinha escolhido.

Ao perceber a diversidade metodológica e de estratégias de ensino propostas pela professora Maria, alia-se ao que Martins (2006) e Pimentel (2012) afirmam sobre a relevância do papel do professor em sala de aula, uma vez que os docentes devem proporcionar metodologias diversificadas, atendendo as

necessidades dos alunos e desenvolvendo suas potencialidades cognitivas, sociais e afetivas.

No segundo dia de observação realizada na Escola campo, a professora Maria fez uso de um jogo educativo que envolvia uma *trilha de animais* durante a aula de Língua Portuguesa, assim trabalhou diversas cores, nome dos animais e números. No decorrer do jogo, Maria fazia perguntas diretas e objetivas para Pedro, com propósito de que este identificasse as letras existentes no jogo e formasse as palavras. Em alguns momentos Maria obteve resultados positivos, entretanto em outros momentos já não conseguia obter respostas satisfatórias, visto que Pedro não conseguia memorizar algumas letras, números e até mesmo cores. Quando Pedro errava as perguntas, Maria perguntava mais uma vez, e se ele errasse novamente Maria corrigia Pedro e dizia qual era a resposta correta.

Na análise de Vygotsky (2007), Antunes (2012) e Marques; Salheb (2012), o brinquedo tem grande influência no desenvolvimento de uma criança, pois, com o uso deste o professor consegue trabalhar a atenção voluntária do aluno, promover a aprendizagem e desenvolver a imaginação, que são elementos essenciais para a complexidade do pensamento. Além do ato de “jogar”, o professor também pode utilizar as regras para trabalhar as relações interpessoais entre crianças.

No que diz respeito ao uso de jogos educativos em sala de aula, as professoras Ana e Maria adotaram metodologias e estratégias de ensino diferentes, pois, ao serem questionadas sobre suas percepções sobre os jogos educativos, se estão presentes nas metodologias voltadas para as crianças com SD, Ana enfatiza que *“Algumas vezes, pois, a escola não oferece meio e nem esse material para trabalhar com as crianças com síndrome de Down.”* Já Maria diz que *“Sim, jogos de letramento: alfabeto móvel, fichas de identificação e palavras, bingo de letras e sons iniciais, trilhas.”* Portanto, as percepções sobre utilização de jogos educativos estão relacionadas ao *como* cada professora percebe sua importância e está ligada as condições pedagógicas que são dadas.

Durante o período de observação Ana não utilizou jogos educativos, pois a mesma relatou que *“os jogos educativos que são disponibilizados para a escola são pouco e só contemplam o AEE, pois utilizam os jogos com o aluno (SD) durante o atendimento especializado”*.

Na ausência da condição pedagógica e estrutural da escola sabe-se que muitos professores, sem dúvida, fazem esforços individuais e financiam com

recursos próprios a construção de materiais didático-pedagógicos para proporcionar um ensino diferenciado para seus alunos, enquanto outros professores se conformam diante do que é posto pelas políticas educacionais que pouco asseguram condições dignas para a materialização de uma educação de qualidade. Mantoan (2009) e Pimentel (2012) enfatizam que é necessário reformular o sistema educacional e pensar em uma escola livre de preconceitos, que reconheça e valorize a diversidade educacional, assim, alcançando uma escola inclusiva.

Para Venturini e Guimarães, (2012); Juliani e Pains (2008) não há dúvida que os jogos educativos são importantes para garantir acesso ao conhecimento ao sistemático, pois esses auxiliam em diversos aspectos da criança, sendo mediadores de conhecimento e contribuindo no processo de desenvolvimento de todos os alunos.

### **Mediação das professoras durante as atividades de leitura para a aluna com SD**

A professora Ana em um dos momentos de interação com a pesquisadora falou que *“é necessário ficar ao lado de João para que ele possa realizar a atividade, devido ele ser uma criança bastante ativa.”* Entretanto, quando Ana orientava e auxiliava os demais alunos, João não passava mais de *cinco minutos* desenvolvendo sua atividade sem o auxílio de Ana, e este logo se levantava e ficava circulando pela sala. Para Voivodic (2011) há diferenças nos ritmos, tempo de aprendizado entre as crianças com SD e as crianças sem alteração cromossômica, pois as ligações sinápticas nas crianças com SD ocorrem em um tempo maior e necessitam de um estímulo mais intenso para ocorrer, ou seja, o comprometimento orgânico acaba por influenciar nas funções psicológicas superiores dos alunos (atenção e percepção voluntária, memória avançada), desse modo, a carência na memória de curto e longo prazo, interfere na elaboração e internalização de conceitos, a hipotonia muscular, que causa o cansaço físico influencia na atenção dos alunos durante a resolução das atividades.

Todas essas características não são determinísticas ou imobilizadoras do desenvolvimento da criança com SD, mas são fatores/condições que não podem ser negados durante as atividades propostas pelo professor em sala de aula, e por isso ressalta-se a necessidade de construir ambientes de aprendizagem que contemplem os estímulos visuais, atividades com informações objetivas e pistas visuais, e ocorra

efetivamente a mediação direta dos professores, com orientações claras, curtas e objetivas para o desenvolvimento das atividades.

Do mesmo modo, a professora Maria interagia com Pedro em todas as atividades, propondo exercícios diferenciados e auxiliando-o sempre que necessário, explicando como seriam as atividades e o que Pedro deveria fazer. A professora Maria tinha o cuidado de mostrar para Pedro os números ou as vogais e conduzia verbalmente a indicação de qual era o número ou a vogal e que ele deveria cobrir aquele item. Na realização de atividades sobre as operações matemática, Maria ajudava Pedro nos momentos de cálculos, utilizando os dedos para a adição, subtração e divisão. Em alguns momentos Maria explicava individualmente a atividade e deixava que Pedro concluísse sozinho.

Contudo, a mediação social dos professores tem grande influência no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, como ressaltam os autores Vygotsky (2007), Pimentel (2012), Venturini e Guimarães (2012) a mediação social e pedagógica no contexto escolar acontece quando o professor tem a intenção de ajudar o aluno, dando suporte e auxiliando-o, de forma que suas atividades sejam planejadas, adequadas e despertem o interesse do aluno, e assim favoreça o ensino e a aprendizagem. A mediação durante jogos e brincadeiras são importantes colaboradores para aquisição de conhecimento, pois ampliam o repertório de vocabulário dos alunos, estimulam a criatividade, imaginação, além de possibilitarem a apropriação de valores culturais e regras sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho apontou que a presença dos jogos educativos para o acesso à leitura de crianças com SD ainda é insuficiente, ou seja, a disponibilidade de jogos educativos para as classes regulares ainda é um obstáculo a ser resolvido. Tendo em vista que os docentes das escolas públicas regulares de Macapá relatam que os poucos jogos educativos são disponibilizados apenas para o uso do AEE.

É grande o desafio no processo de transformação em escolas inclusivas, uma vez que envolverá rupturas com paradigmas homogêneos e tradicionais de ensino, além de grandes investimentos nas condições de trabalho de professores, formação inicial, continuada dos professores, proporcionando a estes uma formação de qualidade, para que se atendam as necessidades de todos os alunos. Contudo,

reafirmou-se que a mediação da aprendizagem por meio dos jogos educativos contribui para o aprendizado da leitura, porém ainda existem muitos obstáculos tanto em ordem *macro* (social, econômica, políticas públicas etc), como qualificação dos professores, condições de trabalho, valorização do docente, efetiva política pública para educação inclusiva, a questões de aspecto *micro*, como a disponibilidade recursos pedagógicos, metodologias diferenciadas, estratégias de ensino voltadas para atender as necessidades dos alunos, planejamentos flexíveis, conteúdos e avaliação adaptadas, dentre outros que se remetem a Escola e a sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **O jogo e a educação infantil**: Falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir, fascículo15/ Celso Antunes. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARBY, Ana Aparecida O.M., **O uso de jogos pedagógicos na alfabetização de alunos com síndrome de Down**. Guarapuava, Paraná v.10 n. 2 p. 101-115 jul./dez. 2009.

BRANDÃO; BORGES, Carlos Rodrigues; Maristela Correa. **A pesquisa participante**: um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

BISSOTO, M. L. **O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down**: revendo concepções e perspectivas educacionais. Ciências & Cognição; Ano 02 Vol. 04, mar/2005. Disponível em: <[www.cienciasecognicao.org/artigos/m31526.htm](http://www.cienciasecognicao.org/artigos/m31526.htm)> Acesso em: 20/01/2015.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns**: possibilidades e limitações. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CUNNINGHAM, C. **Síndrome de Down**:uma introdução para pais e cuidadores. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

JULIANI; PAINI, Adélia de Lourdes Matera; Leonor Dias. **A importância da Ludicidade na Prática Pedagógica: em foco o atendimento às diferenças**. Artigo Científico, Colégio Estadual Dr. José Gerardo Braga. Maringá, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa. Igualdade e Diferenças na Escola como andar no Fio da Navalha. Rev. Educação, Porto Alegre- RS, ano XXIX, n. 1(58), p.55-64. Jan/abr, 2006.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Inclusão**: compartilhando saberes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PIMENTEL, Susana Couto. **Conviver com a síndrome de Down em escola inclusiva**: mediação pedagógica e formação de conceitos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RAMOS, José Ricardo da Silva. **Dinâmicas, Brincadeiras e Jogos Educativos**, Rio de Janeiro. editora DP&A, 2003.

SALHEB; MARQUES, Joseane Nunes; João Marques. **A concepção de professores sobre o jogo como mediador instrumental para o desenvolvimento da atenção de crianças**

**com síndrome de Down.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZAPPAROLI, Kelem. **Estratégias lúdicas da criança com deficiência.** Rio de Janeiro : Wak Editora, 2012.

## **INCLUSÃO ESCOLAR E ARTICULAÇÃO INTERSETORIAL: UMA ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**

Ana Mayra Samuel da Silva - UNESP  
Elisa Tomoe Moriya Schlünzen - UNESP  
Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos - UNIVESP  
Ana Virginia Isiano Lima - UNESP

E-mail para contato: ana.mayra.ss@gmail.com

**Agência Financiadora:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

### **1. INTRODUÇÃO**

O reconhecimento das diferenças que caracterizam as pessoas, no espaço escolar, está diretamente direcionada ao desenvolvimento de um processo inclusivo. Neste contexto, a gestão escolar tem um papel fundamental para a organização da escola, bem como para a transformação e melhoramento da sua estrutura em termos dos paradigmas da inclusão.

Nessa perspectiva, entender a escola como um espaço satisfatório para convívio com as diferenças nos permite compreender o conceito de Educação Inclusiva. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO),